



## TEXTO 02

### Relações entre gênero, interseccionalidade e transformação social: do feminismo ao feminismo interseccional.

#### *Das Pedras*

*Ajuntei todas as pedras*

*que vieram sobre mim.*

*Levantei uma escada muito alta*

*e no alto subi.*

*Teci um tapete floreado*

*e no sonho me perdi.*

*Uma estrada,*

*um leito,*

*uma casa,*

*um companheiro.*

*Tudo de pedra.*

*Entre pedras cresceu minha poesia.*

*Minha vida...*

*quebrando pedras*

*e plantando flores*

*(...)*

*(CORALINA, 1976.)*

Agora, que já lemos Cora Coralina, e já tocamos levemente sobre suas pedras, podemos voltar ao seu poema e lê-lo novamente. Desta vez podemos experimentar respirar pausadamente entre as palavras, dar o tempo que nos pedem as vírgulas, mergulhar no que esta senhora nos diz, entregá-la nossa atenção, ser e estar presentes diante do que nos entrega esta mulher. Aliás, te despertou alguma curiosidade sobre a trajetória que este poema nos traz? Tudo bem, podemos dar uma pequena pausa para cumprir este experimento de releitura [PAUSA PARA A RELEITURA].



Este exercício que propomos não se restringe a um poema de Cora Coralina, mas sobre o quanto de dedicação entregamos ao ouvir e ler o que uma mulher nos traz sobre sua trajetória, em qualquer área da sua vida. Podemos abrir aqui nossos primeiros questionamentos: qual foi a formação que recebemos, de modo geral, desde crianças, sobre o papel social da mulher? Sobre os limites dos poderes decisórios das mulheres na política? Quais os lugares que as mulheres ocupam no nosso imaginário, ainda que também sejamos mulheres? Você encontrou as respostas para estas perguntas logo que chegou ao ponto de interrogação ou percebe o quão densas e complexas são estas questões dentro da sociedade em que vivemos?

Certamente, ao passear pelas perguntas, imagens surgiram na sua mente. Os conteúdos dessas imagens estão, certamente, referenciados numa construção social baseada no conceito patriarcal sobre o termo 'mulher'. Para entender melhor o que seria este conceito patriarcal sobre a mulher, podemos partir para o recorte apenas da palavra mulher. Quando você leu esta palavra agora, quantas mulheres trans se tornaram imagens na sua mente? Quantas mulheres negras? Lhe veio de imediato alguma mulher com atuação importante na sua área profissional? Quantas mulheres com deficiência você admira? Quando pensa em uma mulher exercendo a plenitude de seu gênero e de sua sexualidade, você sente que há uma quebra entre esta liberdade e a seriedade na atuação profissional desta mulher?... É de suma importância que façamos estas perguntas, elas nos ajudam a compreender em que ponto estamos na construção da igualdade entre os gêneros. Os caminhos que iremos traçar para encontrar as respostas para estas perguntas, não será um caminho fácil, estes caminhos estão, particularmente, imbricados na nossa memória afetiva mais profunda (a maternagem, a primeira professora, a imagem da mulher como cuidadora do lar e da família, a separação dos brinquedos por gênero, as imagens das mulheres nas mídias e propagandas, filmes, desenhos animados, músicas etc.). É exatamente pelo motivo de ser um caminho que não é fácil e nos toca profundamente, que devemos começá-lo imediatamente. Vamos começar?

Sabe aquele poema que abriu a nossa conversa? Não deixaremos neste texto nenhuma informação sobre a autora do poema. Nada além do que está descrito na referência bibliográfica. Faça uma busca pessoal sobre a história desta mulher, busque por uma fotografia dela, busque-a nas entrelinhas de seus poemas, busque identificar as semelhanças e distanciamentos que a história de vida de Cora tem, em relação a sua história de vida. Se você já a conhece, tente buscar uma pequena fresta de novidade, sensibilizando o olhar para pequenos detalhes. Buscá-la não é



apenas algo para espiar sobre ela, é para espiar sobre nós. Busque sobre ela, sobre outras, sobre tantas, seja você homem, mulher ou não binário.

Por qual motivo estas buscas são importantes? Em que ponto questionar este lugar da mulher e o conceito de feminino traz efeitos concretos para a nossa sociedade? Bem, é neste espaço de disputa narrativa e de relações de poder que se tencionam nossos direitos e deveres. O Feminismo é, até o momento, o maior movimento de luta pela garantia de igualdade de direitos e respeito à diversidade entre os gêneros. O feminismo se organiza, se tensiona e se diversifica com o passar dos anos, se multiplica e se torna um movimento cada vez mais plural. Hoje já não podemos falar de um único feminismo, mas de feminismos, dado o número crescente de vertentes do movimento.

### **Mas afinal, o que é o feminismo? Ou o que são os feminismos?**

Por registro de documento histórico, o feminismo teria iniciado em 1791, com a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Um documento jurídico de autoria de Mary Gouze (1748-1793), conhecida pelo seu pseudônimo Olympe de Gouges (1748-1793). O documento é composto por preâmbulo, dezessete artigos e pós-âmbulo. A autora oferece o documento em resposta a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, escrita no contexto da Revolução Francesa, que não estabelecia direitos cidadãos às mulheres e não abria espaço para discussões sobre igualdade de direitos. A declaração elaborada por Gouges e seu poder de discurso e mobilização junto às mulheres de sua época, a levaram ao desagrado até mesmo de líderes da Revolução Francesa como Marat e Robespierre.

Mesmo que algumas mulheres tenham apoiado a revolução, não seriam os homens revolucionários que apoiariam as mulheres, e o pioneirismo de Gouges a levou a guilhotina em 1793, apenas dois anos após a escrita do primeiro grande documento para a garantia de direitos igualitários entre mulheres e homens. A intensa movimentação de Gouges em seus ideais políticos desafiaram até mesmo o lema da revolução (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), demonstrando que, sobretudo, a “igualdade” pós-revolução não seria universal, e, por isso mesmo, o lema era contraditório. A trajetória desta ativista influenciou muitas outras de sua época e segue inspirando o movimento em suas bases até os dias atuais. Apresentamos cinco dos dezessete artigos da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã:

## ARTIGO PRIMEIRO

A mulher nasce livre e mantém-se igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.

### II

A finalidade de toda associação política é a preservação dos direitos naturais imprescritíveis da mulher e do homem. Estes direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.

### III

O princípio de toda soberania reside, essencialmente, na Nação, que nada mais é do que a reunião da mulher e do homem. Nenhum corpo, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que dela não emane expressamente.

### IV

A liberdade e a justiça consistem em restituir ao outro tudo o que lhe pertence; assim, o exercício dos direitos naturais da mulher não tem outros limites senão aqueles que a tirania perpétua do homem se lhes opõe; esses limites devem ser suprimidos pela lei da natureza e da razão.

### V

As leis da natureza e da razão impedem toda ação nociva à sociedade: o que não é proibido por essas leis, sábias e divinas, deve ser permitido, e ninguém pode ser obrigado a fazer o que elas não exigem.

(GOUGES, 2021 p. 38.)

Quando nos referimos a igualdade estamos falando de todos os direitos, partindo dos direitos básicos/fundamentais, que deveriam ser usufruídos por todos os homens, mas que o eram para os em sua maioria brancos e ocidentais. E, ao nos referimos a estes direitos, estamos nos referindo desde a liberdade de ir e vir, aprender a ler e escrever, exercer uma profissão de sua escolha, direito a propriedade e escolhas sobre compra e venda, controle de natalidade e planejamento familiar sem o exercício da gravidez compulsória, direito de fala em assembleias e



voto decisório sobre a política em sua comunidade, dentre tantos outros que tornam uma pessoa parte de nossa sociedade.

No livro “A história do Feminismo no Brasil: memórias de quem fez acontecer” Alves e Pitanguy nos lembram o quão antiga é a decisão de criar mecanismos formais de subalternizar as mulheres:

O código de Hamurabi, na Mesopotâmia, primeiro código de leis que sobreviveu até nossos dias, datado de aproximadamente 1700 anos antes de Cristo confirma o lugar destinado a mulher, com maior ou menor grau de violência explícita ou sutil pelas épocas seguintes: ao pai é atribuído poder total sobre seus familiares; a mulher é considerada propriedade em igualdade a servos, escravos, gado, podendo o pai vender a filha ou prostituí-la. A sexualidade feminina era uma mercadoria, um produto de troca, e seu valor era preservado pelo controle exercido sobre seu corpo (ALVES; PITANGUY, p.27).

A luta pelo básico era para que a mulher fosse respeitada como sujeito de direito. Embora essas pautas já estivessem em movimento mesmo antes de 1791, a articulação de mulheres por direitos igualitários só iria receber o nome de Feminismo muito tempo depois, e se consolidou na década de 1960. Aqui daremos um salto no tempo para entender um fenômeno que ficou conhecido como Ondas do Feminismo.

As chamadas ondas feministas fazem referência a um conjunto de recortes temporais e históricos que retratam as reivindicações das mulheres em cada momento político a partir do Séc. XIX sobretudo nos Estados Unidos da América e na Europa. Vejamos um breve apanhado destas ondas:

**Primeira Onda, a partir do Séc. XIX:** A pauta principal eram os direitos igualitários, direito à educação e maior simetria nos direitos matrimoniais. O discurso neste contexto era pautado nas ideias iluministas e na vivência da expansão burguesa, sob a bandeira da igualdade para a diminuição dos poderes da nobreza. É a partir do crescimento deste movimento, que questionava os poderes da monarquia, que cresce também o questionamento das mulheres sobre seus direitos diante dos privilégios dos homens naquele contexto.

Ou seja, as mulheres que participaram da revolução passaram a, não apenas a questionar a desigualdade de direitos entre monarquia/elite e o restante da sociedade, mas a desigualdade de direitos entre homens e mulheres. As mulheres doaram seus corpos para a revolução, encarando as ruas nas ações revolucionárias, criando e divulgando textos, contribuindo para o pensamento filosófico iluminista. Porém, passado o levante revolucionário, as mulheres são impedidas de

usufruir da igualdade de direitos e propriedade. Duas mulheres se destacam nesta onda: Olympe de Gouges (França) e Mary Wollstonecraft (Inglaterra).

Na segunda parte desta onda foi criado um movimento ainda mais articulado, o Movimento das Sufragistas, que ficou conhecido por formas de protesto mais contundentes nas ruas da Inglaterra. Já nos Estados Unidos da América o movimento de mulheres pelo direito ao voto se articula com o movimento abolicionista liderado por homens, no entanto, as pautas abolicionistas crescem com maior rapidez do que as pautas feministas. Nesse momento, ainda que dentro das pautas abolicionistas, eram apenas as vozes de mulheres brancas a falar sobre igualdade e liberdade. O que está na base do questionamento levantado pela senhora Sojourner Truth, uma ex-escravizada, que discursa questionando o lugar da mulher negra nos direitos e igualdades diante do homem branco e da mulher branca naquela sociedade. Está inaugurado neste discurso um dos primeiros impulsos para o que, no futuro, seria conhecido como Feminismo Negro.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851).



No percurso desta primeira onda algumas vertentes do feminismo com reivindicações distintas começam a surgir. É o caso da mulher proletária, a mulher branca que não ocupa espaço na elite e a mulher negra que passa a ocupar postos de trabalho remunerados. Estas mulheres, sobretudo as mulheres brancas, que encorpam o movimento operário ligado ao socialismo (não devemos esquecer que mesmo na união de pautas dessas mulheres o racismo segue presente). São as mulheres brancas proletárias que ganharão destaque nesse término de primeira onda. As socialistas marxistas, as socialistas utópicas e as anarquistas.

**Segunda Onda, de 1960 a 1980:** Depois de alguns direitos legais conquistados em alguns países, percebe-se que, na prática, esses direitos não se efetivam no cotidiano. Por qual motivo, depois de tantas lutas ainda existe a submissão da mulher? Existem respostas biológicas a esta pergunta? Afinal, o que é ser uma mulher e o que é o feminino? Dentre as pensadoras que influenciaram o surgimento desta onda, uma das mais conhecidas foi a francesa Simone de Beauvoir. Uma obra de Beauvoir inaugura a temática de questionar se existiria uma essência feminina e por qual motivo o mundo se constituía, até aqueles tempos, sob o olhar masculino. Esta obra é o livro “O segundo Sexo” de 1949. Já no início da segunda onda, propriamente dita está o questionamento da construção mercadológica da mulher norte-americana, uma figura construída pelas propagandas para vender produtos para as “mulheres do lar”. Uma das questões importantes que marcam o final desta onda é a afirmação de que as questões públicas e privadas, que envolvem a submissão da mulher, estão intimamente ligadas.

**Terceira Onda, tem início no final de 1980:** Inaugura no movimento o sentido da diversidade. Se na segunda onda a pergunta era ‘o que é uma mulher?’, aqui na segunda onde podemos dizer que a preocupação passa a ser ‘quem são as mulheres?’. Neste momento o movimento negro já está estruturado e as mulheres negras pautando suas demandas. Existe também o movimento de mulheres lésbicas se fortalecendo e agregando reivindicações que mais tarde ajudaram a alicerçar o movimento LGBTQIAPN+ que conhecemos hoje.

Outra característica muito presente nesta onda é a crescente dos estudos de gênero e sexualidades e o pensamento pós-estruturalista na leitura destes temas. Os franceses Foucault e



Deleuze são dois nomes bem presentes nesta leitura. É na terceira onda que as especificidades de pautas de grupos diversos se intensifica. É daqui, deste ponto que se torna imprescindível o olhar sobre os feminismos (no plural). Respeito às diferenças, conhecimento sobre a nossa diversidade e lutas por políticas que atendam toda a pluralidade biológica e cultural que somos. É ainda nesta onda que se discute a presença de mulheres trans e das travestis nas pautas feministas. Muitas autoras podem ser destacadas nessa onda, uma delas é a escritora estadunidense Audre Lorde.

## **Outras mulheres**

Nestas duas primeiras ondas aqui descritas, consta a história de lutas e conquistas de mulheres, sua maioria brancas e localizadas nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Porém, sabemos bem que a história segue seu fluxo também em outras partes do mundo. Aqui, na chamada América Latina outras lutas eram travadas, algumas em diálogo com as ocorridas nos Estados Unidos, França e Inglaterra, e outras totalmente divergentes ou até alheias às ideias defendidas naquela parte do mundo.

Nas próximas linhas iremos fazer um breve comentário sobre os movimentos feministas no Brasil e na América Latina de forma geral. Na história do feminismo no Brasil, é perceptível que temos muitos pontos de tensão em comum com as mulheres de todas as partes do mundo. Os interesses econômicos que erguem o capitalismo, os tensionamentos de algumas religiões que privilegiam o poder de decisão dos homens sobre a comunidade, sobretudo com a expansão do cristianismo, que, aqui no Brasil, adentra pela invasão portuguesa colonialista, que estabelece qual deve ser a estrutura e o comportamento da família. Estabelecendo um pensamento hegemônico sobre como devem ser as relações humanas, tentando sufocar qualquer outra maneira de ser e estar no mundo. Assim, os conceitos de relações de gênero desenvolvidos pelos povos originários no Brasil, e pelos povos escravizados trazidos para cá, são subjugados pelos interesses Católicos, e mais tarde pelos Protestantes. O comportamento e o pensamento das mulheres colonizadas deveriam seguir o padrão de seus colonizadores. Desta forma, o silenciamento já vivido pelas mulheres no “velho mundo” passa também a ser a realidade das mulheres no sul global. Mas onde há opressão há luta, e assim se iniciam os feminismos no sul.

Recuperar a história das mulheres, mantida invisível, é, portanto, parte indispensável à luta por revelar, entender e superar a discriminação. Com base no conhecimento do passado, toma-se consciência dos artifícios para tornar senso comum a dimensão universal dessa subalternidade atribuída às mulheres, das

Página 8 de 14



formas que se reveste hoje e da necessidade de traçar estratégias de luta para o futuro (ALVES; PITANGUY, p.26)

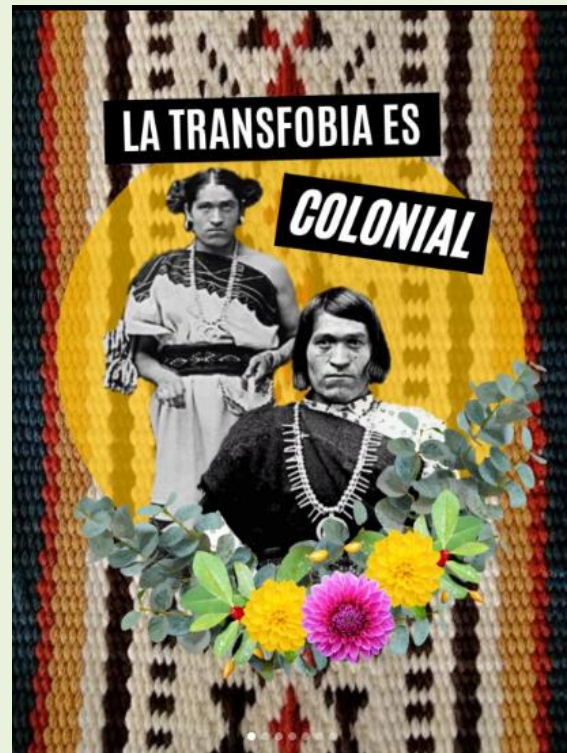
Com o intuito de abrir espaço para essas outras vozes e histórias, surgem os movimentos de mulheres latinas na América do Sul, e em outros países onde elas criaram junto com suas famílias comunidades de imigrantes. No Brasil a primeira movimentação feminista ocorre ainda no período do império, as mulheres (mulheres brancas) que pediam que o acesso a educação se estendesse também às mulheres. Uma das publicações importantes para a história dos feminismos no Brasil é desta época, o livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de autoria de Nísia Floresta Brasileira Augusta, texto de 1832, que discorria sobre a necessidade do direito da mulher a uma boa instrução/educação e ao trabalho. No século XIX, no Brasil existiram publicação de jornais e revistas com conteúdo feminista elaboradas por mulheres. Estas publicações serviram de rede de cooperação entre as mulheres. Em 1922 foi criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Em 1927 o movimento sufragista conseguiu que o governador do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra, aprovasse a lei que permitia o voto das mulheres no estado, a lei se torna nacional em 1932, porém o voto feminino só chega de fato às urnas em 1945. Durante o golpe militar de 1964, o movimento feminista no Brasil se volta para a derrubada da ditadura e pela anistia de exilados políticos. Depois de 1975, a criação da pílula contraceptiva, questionamentos sobre liberdade sexual e prazer feminino, à maternidade e o aborto, são temas que passam a incorporar as pautas do movimento no Brasil. Em 1977 é aprovada a lei de direito ao divórcio no país, e na década de 1980 o feminismo e as relações de gênero ingressam como campo de saber nos debates acadêmicos (NAGASAVA, 2014, p.68).

O feminismo segue expandindo-se, por isso voltemos aos feminismos, no plural. São muitas vertentes, e várias delas crescem pelo mundo, algumas surgiram aqui, na América Latina. Principalmente com pautas decoloniais. Sobre isto, a feminista comunitária maia-xinka Lorena Cabnal nos provoca:

É difícil explicar isto a uma mulher branca quando não possuímos as condições para dialogar; observe, nós não estamos de acordo com a imposição de critérios feministas hegemônicos, porém eu reconheço e valorizo toda a aprendizagem que tenho a partir das diferentes correntes feministas, porque fizeram com que eu me reconhecesse como sujeita epistêmica, e por tanto pensar-me a partir do corpo e no espaço onde convivo para tecer ideias feministas, com isso se fortalece a construção consciente da minha identidade feminista comunitária, e por sua vez aportamos ao movimento feminista no mundo. Entre outras coisas, o passo que precisamos dar é nomear usando nossos próprios idiomas libertos e cosmovisões, as categorias e conceitos que estamos construindo para analisar

nossas realidades históricas de opressão, mas também de libertação como mulheres indígenas, originárias, camponesas, rurais ou urbanas (CABNAL apud CELENTANI, 2014. p.17. Tradução livre: Jacilene Borba.)

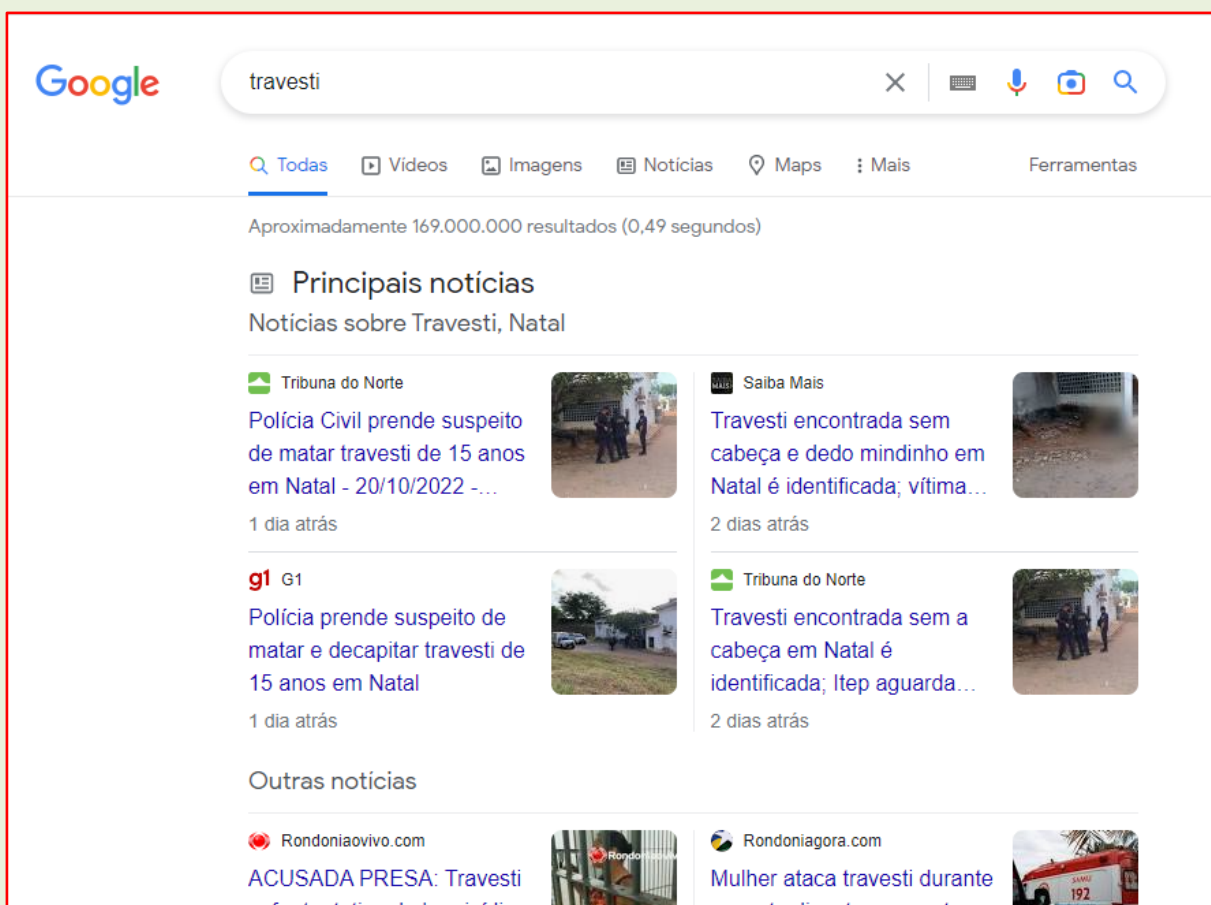
Os feminismos devem ser lidos diante da pluralidade humana, por sua diversidade (já discutida na terceira onda do movimento), e cada vez mais com uma leitura **interseccional** das diferentes realidades.



Angela Camacho (The bonita Chola), colagens digitais, 2021.

A ativista Angela Camacho (indígena Aymara-Quechua, imigrante em Londres - Reino Unido) produz textos e colagens digitais que ocupam as redes sociais para denunciar opressões, fortalecer lutas, homenagear mulheres e educar, para a construção de feminismos conscientes das influências do colonialismo. Na internet ela também disponibiliza publicações gratuitas de livros e artigos organizados por feministas comunitárias. Nas imagens produzidas por Camacho e apresentadas neste texto percebemos a comunicação objetiva de sua produção. Na primeira imagem (a esquerda) a autora evidencia a conexão entre as lutas de mulheres em diferentes continentes, comunica as mulheres afegãs que elas não estão sozinhas e traduz a união destas lutas. Na segunda imagem (a direita) a autora denuncia a transfobia como construção da colonização sobre os povos originários, e apresenta fotos históricas de indígenas que não atendem

o conceito binário trazido pelos invasores europeus no processo de colonização de Abya Yala (continente americano). É a colonização dos corpos e das mentes, oriunda de uma relação de poder patriarcal, que nega o direito à liberdade e a vida de mulheres cis, trans e das travestis. As travestis são, inclusive, uma identidade de gênero latino-americana. O Brasil é o país onde mais se assassina travestis na América Latina e o que mais mata mulheres trans no mundo. Uma busca rápida com o termo 'Travesti' em um site de pesquisa e fica evidente, pelos resultados, os efeitos da dinâmica patriarcal e colonialista no nosso território.



Resultado da busca do termo 'Travesti' no site Google, em outubro de 2022.

Estamos vivenciando mais um momento de importantes transformações nos feminismos. O questionamento *Seu feminismo é para todas?*, é bastante importante diante de uma lista quase infinta de vertentes do movimento, das quais citamos:

- Feminismo Liberal: Período da Revolução Francesa;
- Feminismo Socialista: Crítica ao capitalismo e as condições de trabalho;

- Feminismo Radical: Defende que a raiz das opressões está nos papéis de gênero, e defendem o sexo e gênero definido pelo fator biológico;
- Feminismo Negro: As pautas contra o racismo somadas as pautas feministas
- Ecofeminismo: A exploração que sofre a mulher se assemelha a exploração que sofre a natureza diante do patriarcado, colonialismo e capitalismo;
- Feminismo Comunitário: Defesa do Território-corpo-terra, defesa da identidade dos povos originários, contra o colonialismo e pela diversidade nos feminismos;
- Feminismo Interseccional: Raça, classe, gênero. Há uma intersecção entre as opressões vividas na condição de mulher e outras condições sociais onde esta mulher se localiza.
- Transfeminismo: Feminismo interseccional relacionado às questões trans.

## **Estamos diante da quarta onda feminista? A interseccionalidade.**

O termo Interseccionalidade aponta para permeabilidade entre sexo, gênero raça e classe, que estão aproximados, as temáticas muitas vezes se fundem umas com as outras em suas problemáticas. A diversidade de vertentes feministas tem se expressado através de estudos desta interseccionalidade. Em outras palavras, todas as mulheres sofrem uma violência em comum - o machismo- soma-se a esta camadas de realidades individuais para cada grupo específico. Por exemplo: mulheres gordas - gordofobia / mulher lésbica - lesbofobia / mulher com deficiência - capacitismo/ mulher negra - racismo/ mulher pobre - opressão de classe/ mulher trans - transfobia, e tantas outras conexões possíveis destas vivências. Através do estudo do cruzamento destas informações individuais é possível perceber impactos nas relações coletivas.

Uma mulher branca PCD (Pessoa Com Deficiência) está no mesmo lugar de enfrentamento contra o capacitismo que uma mulher negra PCD, porém, a mulher negra, neste caso, soma a sua experiência de ser mulher PCD com a experiência de sofrer racismo. Elas enfrentam juntas o capacitismo e o machismo, mas não o racismo. Para estas mulheres se tornarem aliadas em suas lutas, o respeito ao lugar de fala de cada uma é imprescindível.

A compreensão das diferenças e da diversidade, é necessária para a união de pautas do feminismo interseccional. Isso se dá também pela forma didática necessária para a comunicação sobre as especificidades desta diversidade. Os feminismos precisam ser acessíveis, com comunicação didática se intencionam de fato, se comunicar com esta diversidade. Muitas mulheres seguem sem o direito a uma educação de base, como aprender a ler e escrever, por exemplo. Quais são as necessidades das mulheres em situação de rua? Quais são as opressões

sentidas pelas mulheres numa Casa de Passagem? Num abrigo público? Uma mulher trans se sente acolhida nestes ambientes? A interseccionalidade na história de vida desta mulher, onde se cruza com a realidade em que ela está inserida?

O feminismo interseccional nos convida a perceber a ligação entre a mulher do campo e a luta pela terra e a mulher do centro urbano pelo direito à segurança e a mobilidade. Nesta perspectiva é a possibilidade de perceber a diferença e a diversidade que pode abrir portas para a conexão entre os feminismos, sem a tentativa de diluir suas pautas, muito pelo contrário. A interseccionalidade é um instrumento de luta política e justiça social (COLLINS, 2014).

Uma tentativa de responder a nossa pergunta “estamos diante de uma quarta onda feminista?” é observar atentamente, cada vez mais espaços se abrem para discutir as especificidades de pautas diversas dentro dos feminismos. Em paralelo seguimos com uma questão ainda latente: afinal, o que é ser mulher? Agora, o que é ser mulher nesta época de percepção de interseccionalidades? As opressões tentam fragmentar a vida das mulheres, permanecer em movimento e conectar as diferenças, ainda que por um fio, é permanecer tecendo ferramentas políticas de transformação social.



“O surto”, instalação, 2018. Jaci Borba.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **Feminismo no Brasil: memórias de quem fez acontecer**. Bazar do Tempo, Rio de Janeiro - Brasil, 2022.

CABNAL, Lorena apud CELENTANI, Francesca Gargallo. **Feminismos Desde Abya Yala: ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en Nuestra América**. Editorial Corte y Confección, p.17. Ciudad de México - México, 2014.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. Global Editora e Distribuidora LTDA. São Paulo - Brasil, 1976.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade: um projeto de conhecimento para um mundo descolonizador?**. Comunicação ao colóquio internacional Intersectionnalité et Colonialité: Debats Contemporains, Université Paris Diderot, 28 março.

GOUGES, Olympe de. **Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e outros textos**. Olympe de Gouges; tradução: Cristian Brayner. Camara dos Deputados, Edições Câmara, Coleção Vozes Feministas, p.38. Brasília – Brasil, 2021.

NAGASAVA, Heliene. **Movimento Feminista**. In: “Dicionário Histórico dos Movimentos Sociais Brasileiros (1964-2014)”. Orgs: FORTES, Alexandre; CORRÊA, Larissa Rosa; FONTES, Paulo. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), p. 68. Rio de Janeiro – Brasil, 2014.

TRUTH, Sojourner - **Eu não sou mulher?** - Women’s Right Convention. Ohio - EUA, 1851.